

METROPOLITANA

TEATRO
JOSE LUCIO
DA SILVA

TEMPORADA
2020 | 2021

BEETHOVEN CONCERTO IMPERADOR

ORQUESTRA
METROPOLITANA
DE LISBOA

SÁBADO 14 NOVEMBRO - 21H30 TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA, LEIRIA

Jill Lawson Piano
Pedro Amaral Maestro

Ludwig van Beethoven

Concerto para Piano e Orquestra N.º 5, Op. 73, *Imperador*

Sinfonia N.º 2, Op. 36

FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



BEETHOVEN

CONCERTO IMPERADOR

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Concerto para Piano e Orquestra N.º 5 em Mi Bemol Maior, Op. 73, *Imperador* (1809-11)
(duração aproximada: 39 min.)

I. *Allegro*

II. *Adagio, un poco mosso*

III. *Rondò: Allegro*

Sinfonia N.º 2, em Ré Maior, Op. 36 (1802)

(duração aproximada: 35 min.)

I. *Adagio molto - Allegro molto*

II. *Larghetto*

III. *Scherzo*

IV. *Allegro molto*

Na conceção de uma imagem para 2020/2021 que correspondesse aos tempos de exceção que estamos a viver, decidimos colocar a música em diálogo com um discurso imagético que se tornou estranhamente familiar e que se deve à qualidade do nosso fotojornalismo. Ao percorrermos

o extraordinário acervo de imagens publicado na página «EverydayCovid» no Instagram, descobrimos um silêncio que diz muito, pelo modo certo como combina dramaticidade e informação.

IMAGEM DE CAPA
KENTON THATCHER

 kenton.thatcher

Kenton Thatcher é um premiado fotógrafo de publicidade. Nasceu em Londres e começou a fotografar com apenas 10 anos. Aos 17 começou a viajar e a ajudar alguns dos melhores fotógrafos do mundo. Kenton está agora sediado em Lisboa onde, nos últimos 18 anos, construiu uma grande reputação. Algumas das suas imagens podem ser descritas como agressivas, mas sensuais e vulneráveis.

The Calm before the Storm (a calma antes da tempestade).
Praça dos Restauradores, 21 de março de 2020.

Ludwig van Beethoven no seu estúdio | Gravura decalcada da pintura de Carl Schloesser (1890) | Fonte: Wikimedia Commons



O CONCERTO IMPERADOR

Beethoven compôs o concerto *Imperador* a meio do ano de 1809, quando a cidade de Viena era bombardeada pelas tropas francesas. Basta lembrar este e aquele outro episódio da dedicatória rasurada na *Sinfonia Eroica* para adivinhar que, havendo um herói neste concerto, não seria seguramente Napoleão Bonaparte.

O Concerto para Piano e Orquestra N.º 5 é conhecido pelo nome *Imperador*, muito embora se desconheça a origem dessa atribuição. Foi composto em 1809, quando Viena era cenário de guerra. Por essa altura, a cidade já não ostentava o esplendor de outros tempos, até porque grande parte das famílias aristocratas haviam partido para regiões mais seguras. Mas é curioso notar que este período, que foi um dos mais turbulentos da História da Áustria, coincidiu com uma das fases mais produtivas da carreira do músico. Naqueles primeiros anos do novo século, quando os Habsburgos sofriam derrotas sucessivas diante dos franceses, Beethoven

compôs cinco sinfonias, os quartetos de cordas Rasumovsky, as sonatas para piano *Waldstein* e *Appassionata*, os últimos dois concertos para piano, e muitas outras obras de equivalente importância. Esta ficou conhecida como a «fase heróica» de Beethoven.

Diante da impetuosidade do primeiro andamento, e sabendo agora o contexto em que a obra foi escrita, resulta difícil dissociá-la dos sons da artilharia que se deveriam fazer escutar sem interrupção em torno do compositor. Contrariando o que seria à época expectável de um concerto para solista e orquestra, o piano evita de início um tema melódico evidente, preferindo irradiar efeitos sonoros por entre uma orquestra que já não se limita à função de acompanhamento. O contraste é grande, quando nos deparamos com a tranquila apreensão do segundo andamento, que tem início com um coral «entoado» pela orquestra ao qual o piano responde com uma melodia muito simples, mas carregada de expressão. No final, regressa de novo a inquietação rítmica, desta vez com uma dança popular alemã que nos conduz a um final retumbante.

Trata-se aqui do único dos seus concertos que Beethoven não tocou como solista. Foi estreado em novembro de 1811 com o pianista Friedrich Schneider, em Leipzig, e depois no mês de fevereiro seguinte em Viena, já com Carl Czerny, aluno dileto de Beethoven. Por esta altura, já os bem conhecidos problemas auditivos o impediam de se apresentar em público à frente de uma orquestra. Beethoven estava a compor, portanto, e pela primeira vez, para as capacidades virtuosísticas de um pianista que não ele mesmo. E cabe assinalar que não foi complacente, considerando a dificuldade técnica exigida, porventura maior do que acontece nos concertos anteriores. Desde logo, com um início surpreendente, uma divagação do piano sem precedentes, como se fosse uma cadência fora de lugar, antes mesmo da entrada da orquestra. Mas para lá desse aspeto, também a orquestra mereceu um tratamento diferenciado. Neste concerto, comparativamente aos anteriores, a orquestra tem uma presença mais robusta. É um concerto verdadeiramente sinfónico.

A SEGUNDA SINFONIA DE BEETHOVEN

Beethoven compôs a Segunda Sinfonia num dos períodos mais difíceis da sua vida, atormentado pela progressiva surdez que o iria acompanhar o resto da vida. Revela, porém, um ânimo combativo, disposto a superar contrariedades que vão além da condição humana.

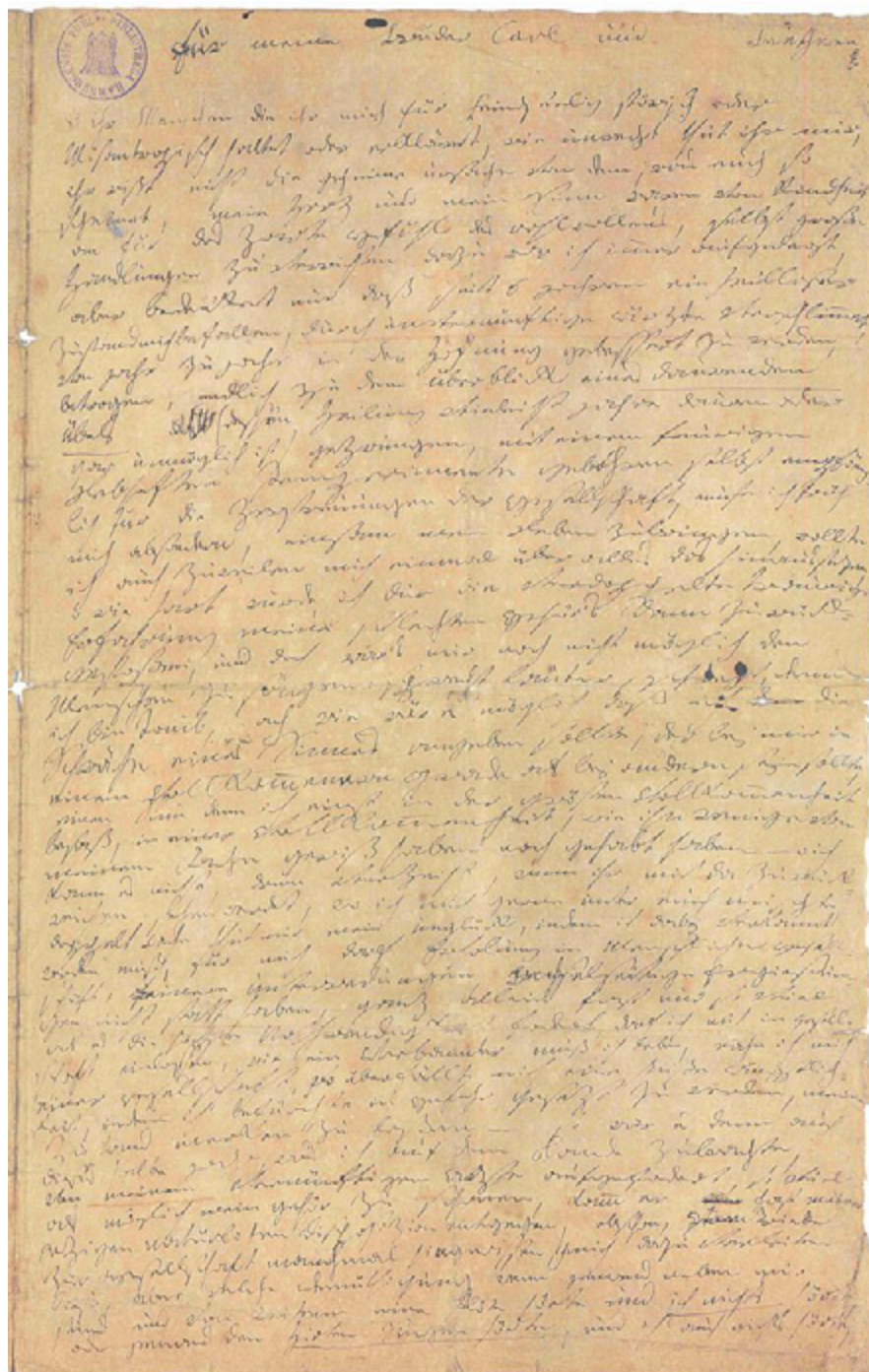
Boa parte da Segunda Sinfonia de Beethoven foi escrita em 1802, no mesmo período em que os sintomas da

surdez do músico tomaram proporções irreversíveis. Por essa razão, esta sinfonia surpreende pela clarividência e pela determinação que transmite. Foi estreada em abril de 1803 em Viena, conjuntamente com o Terceiro Concerto para Piano e Orquestra e a oratória *Cristo no Monte das Oliveiras*. Em quatro andamentos, desenha um percurso que nunca convida à desistência.

Tem início com uma longa introdução em tempo lento. Abre-se depois o livro, com temas melódicos plenos de vivacidade, entrelaçados de

firmeza e generosidade expressivas. No segundo andamento instala-se um ambiente que é adjetivado por alguns como indolente, como se combatesse a imensidão da dor com uma indiferença provocadora. Segue-se um *Scherzo*, no lugar do *Minueto* que se esperaria. Aí invade-nos um registo jocoso que faz esquecer o entretenimento centenário das reverências palacianas. A terminar, sobressai a foga determinação que viria a tornar-se «imagem de marca» de Beethoven.





Facsimile da 1.ª página do Testamento de Heiligenstadt | Fonte: Wikimedia Commons

O TESTAMENTO DE HEILIGENSTADT

Quando se tornou evidente para Beethoven que a surdez de que sofria era irreversível e tendia a agravar-se, refugiou-se numa estância de veraneio próxima de Viena e escreveu uma carta aos seus irmãos que nunca chegou a enviar. O documento ficou conhecido por Testamento de Heiligenstadt.

Heiligenstadt, situada nos arredores de Viena, era há dois séculos uma pequena localidade localizada entre o

rio Danúbio e uma densa área florestal. Era para onde muitos vienenses se deslocavam nos períodos de veraneio. Uma das estadias mais ilustres foi aquela protagonizada por Ludwig van Beethoven, em 1802. Por aconselhamento médico, em virtude da progressiva surdez de que sofria, instalou-se ali durante os meses de verão e outono.

Foi nessa ocasião que produziu um documento que nos é precioso para entender a sua biografia. O célebre Testamento de Heiligenstadt não é, em verdade, um testamento. Consiste numa carta dirigida aos seus dois

irmãos e relata o desespero em que então vivia, motivado pela doença, ponderando seriamente o suicídio. A carta nunca chegou a ser enviada e só veio a ser divulgada em 1827, já depois da morte.

Paradoxalmente, compôs pela mesma altura a Segunda Sinfonia, uma obra que surpreende com uma disposição aparentemente contraditória. Nessa meia hora de música sobressaem estados anímicos combativos e exuberantes, pouco conformes a um estado depressivo.



JILL LAWSON PIANO

Jill Lawson, pianista de nacionalidade luso-americana, nasceu no México em 1974 e cresceu na Bélgica, residindo atualmente em Portugal. Entre os numerosos prémios e distinções que obteve em competições nacionais e internacionais, destacam-se as seguintes: 2.º Prémio no Concurso Internacional de Piano Vianna da Motta; finalista da Classical Fellowship Awards da American Pianists Association; 4.º Prémio no Concurso Internacional Schubert, em Dortmund. Como solista, deu recitais e tocou com inúmeras orquestras de renome na Europa, América e Ásia, mantendo simultaneamente uma atividade no domínio da música de câmara. Juntamente com seu irmão Eliot, violinista, forma o Duo Lawson & Lawson. Toca com regularidade com o violoncelista Pavel Gomziakov e trabalha ainda com diversos cantores. É docente na Escola Superior de Artes Aplicadas no IPCB em Castelo Branco, e coordenadora da classe de Piano na Escola de Música do Colégio Moderno, em Lisboa.

Jill iniciou os seus estudos de piano aos oito anos de idade em Antuérpia, tendo sucessivamente obtido as mais elevadas classificações e distinções em

prestigiadas escolas, tais como o Conservatório Real de Antuérpia, a Chapelle Musicale Reine Elisabeth, em Bruxelas, e o Conservatório de Amesterdão, onde estudou com Jan Wijn. No Peabody Institute, em Baltimore (E.U.A.), onde recebeu aulas de Leon Fleisher e de Ellen Mack, obteve o Diploma de Pós-Graduação em Piano, em 2000, e o Mestrado em Música de Câmara, em 2004. Fez vários cursos de aperfeiçoamento com Dimitri Bashkurov, Gyorgy Sebok, Maria Tipo e Maria João Pires, entre outros. Colaborou no documentário realizado em 2001 durante um workshop de Maria João Pires, em Belgas. Gravou a obra completa da música de câmara de António Frago e de Frederico de Freitas, assim como as Sonatas de Hindemith para violino e piano, para a editora BrilliantClassics, e o álbum *Contos do Feiticeiro*, com uma obra de Pedro Teixeira da Silva e distribuído pela SonyPortugal. Para breve, está previsto o lançamento de um CD com música de câmara de Joly Braga Santos pela editora Musica Numeris.



PEDRO AMARAL MAESTRO

Pedro Amaral (Lisboa, 1972) iniciou os seus estudos em composição com Fernando Lopes Graça, em 1986, graduando-se no Conservatório

Nacional Superior de Música de Paris (*Premier prix*, 1998). Ainda em Paris, concluiu um Mestrado e um Doutoramento em Musicologia Contemporânea na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (2003). Estudou direção de orquestra com Peter Eötvös e Emílio Pomàrico. Em 2004 obteve o *Prix de Rome*. Professor da Universidade de Évora desde 2007 e Membro da Academia de Belas Artes desde 2017, Pedro Amaral é autor de diversas obras, entre as quais as óperas «O Sonho» (2010) e «Beaumarchais» (2017). Foi Maestro Titular da Orquestra do Conservatório Nacional (2007/08) e do Sond'Arte Electric Ensemble (2007/10), sendo atualmente Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Fundada em 1992, a Orquestra Metropolitana de Lisboa é um agrupamento de referência no panorama musical português e, em particular, no contexto cultural da cidade de Lisboa e da sua área envolvente.

Composta por 37 músicos permanentes, numa configuração instrumental “clássica”, a sua formação de base é regularmente modulada e alargada, permitindo à Orquestra Metropolitana de Lisboa uma abordagem sistemática de praticamente todo o repertório orquestral, de finais do século XVII à contemporaneidade.

Desde o outono de 2013, as Temporadas de Música da Metropolitana organizam-se numa tripla ancoragem em três salas principais, três zonas da cidade de Lisboa e três eixos de programação. No Museu Nacional de Arte Antiga, às Janelas Verdes, tem lugar a Temporada Barroca da Metropolitana, assente numa abordagem historicamente informada do repertório barroco. No Teatro Thalia, às Laranjeiras, tem lugar a Temporada Clássica, centrada na formação instrumental de base da Orquestra. No Centro Cultural de

Belém tem lugar a Temporada Sinfónica, na qual a Orquestra se apresenta em formação alargada, abordando páginas de mais ampla configuração orquestral.

Nestas últimas, em particular, juntam-se à Orquestra Metropolitana de Lisboa alunos dos estágios mais avançados da Academia Nacional Superior de Orquestra, sublinhando a dimensão pedagógica que, lado a lado com a missão artística, marca o ambicioso projeto da AMEC / Metropolitana – *Uma Orquestra e Três Escolas*. Num círculo virtuoso entre pedagogia e arte, muitos músicos da Orquestra são simultaneamente professores da Academia, estimulando um progressivo envolvimento dos alunos na programação e uma passagem gradual entre a formação e o desempenho profissional. Dos atuais membros permanentes da Orquestra Metropolitana de Lisboa, todos eles selecionados através de concursos internacionais, um terço é constituído por músicos formados nas escolas da AMEC / Metropolitana, o que confere à Orquestra uma consistência técnica de particular coerência.

À programação orquestral acresce a dos Solistas da Metropolitana, para a

qual a orquestra se desdobra numa miríade de agrupamentos de câmara, de configurações múltiplas e em geometrias variáveis, atuando em dezenas de palcos, levando a melhor música de câmara não apenas a inúmeros espaços de Lisboa e municípios associados, mas também aos quatro cantos do país, cumprindo uma missão ímpar de descentralização da cultura musical.

Ao longo da sua história, a Orquestra Metropolitana de Lisboa realizou diversas digressões internacionais, da Europa ao Extremo Oriente, destacando-se desde 2018 atuações regulares em Espanha no quadro da parceria entre a AMEC / Metropolitana e o Coro e Orquestra da Rádio e Televisão Espanhola (RTVE).

De entre as inúmeras gravações realizadas pela Orquestra Metropolitana de Lisboa destacam-se, nos últimos anos, edições monográficas – como a dedicada à música de câmara de Fernando Lopes Graça (edição conjunta da AMEC / Metropolitana e da Sociedade Portuguesa de Autores) – e edições que colocam lado a lado obras orquestrais portuguesas e páginas de referência do repertório sinfónico internacional –

Beethoven, Brahms, Dvořák, Bartók e Prokofiev, entre outros.

De entre os artistas que colaboram com a Orquestra Metropolitana de Lisboa destacam-se maestros como Pablo Heras-Casado, Kristjan Järvi, Eivind Gullberg Jensen, Michael Zilm, Emilio Pomarico, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Enrico Onofri, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Alfredo Bernardini, Hans-Christoph Rademann, Beat Furrer, Magnus Lindberg, Joana Carneiro, Pedro Amaral, Pedro Neves, e solistas como Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Filipe Pinto-Ribeiro, Marcos Magalhães, Aapo Häkkinen, Natalia Gutman, Adrian Brendel, Sayaka Shoji, Gerardo Ribeiro, Corey Cerovsek, Anabela Chaves, António Menezes, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre muitos outros.

Nomeado em 2013, Pedro Amaral desempenha a dupla função de Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.



© Marcelo Albuquerque | Metropolitana

FLAUTAS
NUNO INÁCIO
JANETE SANTOS

OBOÉS
SALLY DEAN
FILIPE FREITAS ¹

CLARINETES
NUNO SILVA
NUNO BATISTA ²

FAGOTES
LURDES CARNEIRO
RAFAELA OLIVEIRA

TROMPAS
DANIEL CANAS
JÉRÔME ARNOUF

TROMPETES
SÉRGIO CHARRINHO
JOÃO MOREIRA

TÍMPANOS
FERNANDO LLOPIS

1.ºS VIOLINOS
ANA PEREIRA *concertino*
JOSÉ PEREIRA
CARLOS DAMAS
DIANA TZONKOVA
JOANA DIAS
ALEXÉI TOLPYGO
ANA FILIPA SERRÃO ¹
MARCELO CALDEIRA ¹

2.ºS VIOLINOS
ÁGNES SÁROSI
JOSÉ TEIXEIRA
NONNA MANICHEVA
DANIELA RADU
LYZA VALDMAN ¹

VIOLAS
VALENTIN PETROV
JOANA TAVARES ¹
ANDREI RATNIKOV
ARTUR MOURADIAN ¹

VIOLONCELOS
NUNO ABREU
ANA CLÁUDIA SERRÃO
JIAN HONG
JOÃO MATOS ¹

CONTRABAIXOS
ERCOLE DE CONCA
VLADIMIR KOUZNETSOV

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral
DIRETOR PEDAGÓGICO Yan Mikirtumov

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2020

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa | Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente | Academia das Ciências

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMOS CONCERTOS

SCHEHERAZADE

DOMINGO 22 NOVEMBRO - 11H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
ANTÓNIO ROSADO * PIANO
ADRIAN LEAPER MAESTRO

* Artista Associado da Metropolitana na Temporada 2020/2021

Maurice Ravel Concerto para Piano e Orquestra em Sol Maior
Nikolai Rimsky-Korsakov Scheherazade, Op. 35

BILHETES À VENDA Preçoário: 10€ a 23€

Na Ticketline e locais habituais / Reservas / Info: Ligue 1820 (24 horas)
Na bilheteira do CCB / Todos os dias - 11h00 > 20h00

PARA O FIM DO TEMPO

SÁBADO 28 NOVEMBRO - 11H00
TEATRO THALIA

NUNO SILVA CLARINETE | ANA PEREIRA, JOSÉ PEREIRA VIOLINOS
JOANA CIPRIANO VIOLA | NUNO ABREU VIOLONCELO
ANTÓNIO ROSADO * PIANO

* Artista Associado da Metropolitana na Temporada 2020/2021

Robert Schumann Quinteto com Piano, Op. 44
Olivier Messiaen *Quatuor pour la fin du temps*

BILHETES À VENDA Preçoário: 15€

Na Ticketline e locais habituais / Reservas / Info: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Na Sede da Metropolitana, segunda a sexta-feira - 10h30 > 17h30 / No dia e local do concerto, a partir das 10h00